

Empresários: País não está em recessão

MARIZA LOUVEN

A economia brasileira definitivamente não está em recessão. A não ser no que diz respeito aos salários reais, os únicos que não conseguem tirar proveito do aquecimento da atividade econômica, verificado a partir de abril. Mas o dado mais preocupante continua sendo a inflação, que mais uma vez muda de patamar, de 29,9% em agosto para cerca de 32,2% em setembro, e demonstra não estar estabilizada.

Este é, em síntese, o quadro traçado por 12 empresários dos setores industrial, de bancos, do comércio varejista e da agroindústria, consultados em pesquisa feita pelo GLOBO. De uma maneira geral, eles acreditam que o consumo continuará crescendo em setembro, o que permitirá, ainda, a expansão da produção industrial e do nível de emprego.

Os únicos indicadores negativos são mesmo o da inflação e o de salários. Segundo a maioria das opiniões, as remunerações dos trabalha-

dores não devem crescer em termos reais.

Se as expectativas dos empresários forem confirmadas, o bom desempenho da economia possibilitará a obtenção de um produto industrial de 1,3% este ano. Este resultado seria significativamente melhor do que o do ano passado, quando a recessão atingiu em cheio a indústria, que registrou queda de atividade de 2,5%. Neste caso, o Produto Interno Bruto (PIB) do País também não repetiria a queda de 0,3% de 1988.

De acordo com os empresários, o PIB pode crescer cerca de 1,5% este ano, o que traria a média de crescimento anual da economia para 2,94% nesta década. Este resultado, medíocre, mal supera o ritmo de crescimento da população. O País vai entrar nos anos 90 com um nível de atividade, proporcional à população, mais ou menos equivalente ao que foi registrado no início desta década. Ou seja, apesar do pequeno crescimento esperado para este ano, a década que está terminando pode ser considerada perdida.

Previsões para a economia em setembro

Os empresários já esperam uma inflação superior a 30% este mês, um número elevadíssimo e, por isso mesmo, muito preocupante. Mas as expectativas quanto às demais variáveis macroeconômicas não são tão negativas. Na verdade, o quadro traçado é o de que a economia fechará o ano com crescimento, revertendo o processo recessivo de 1988.

EMPRESÁRIOS	INFLAÇÃO	CÂMBIO	JURO REAL	SUPERÁVIT	INDÚSTRIA*	PIB*
Félix de Bulhões	30,0%	30,0%	3,0%	US\$ 1,5 bi	1,3%	1,5%
José C. J. Campos	30,0%	30,0%	4,7%	-	-	-
Frederico Lundgren	35,0%	38,0%	3,0%	US\$ 1,7 bi	0,0%	0,0%
Derek Parker	32,0%	37,0%	2,65%	US\$ 1,5 bi	0,0%	1,0%
Cláudio Bardella	30,0%	30,0%	4,7%	US\$ 1,0 bi	2,0%	1,0%
Antônio C. Vidigal	33,5%	33,5%	2,5%	US\$ 1,5 bi	0,8%	1,2%
João G. Ometto	30,0%	30,0%	4,7%	US\$ 1,0 bi	2,0%	1,0%
Milton S. Afonso	35,5%	37,2%	4,5%	US\$ 1,6 bi	1,5%	3,0%
Renato Villela	33,0%	30,0%	4,0%	US\$ 1,8 bi	3,0%	2,0%
Antônio Ermírio M.	29,3%	29,3%	4,7%	US\$ 1,0 bi	2,5%	-
Ricardo Degenszejn	36,0%	36,0%	4,5%	US\$ 1,6 bi	2,0%	2,0%
Gunnar Vikberg	32,0%	-	3,0%	US\$ 1,5 bi	0,0%	0,0%
MÉDIA:	32,2%	32,5%	3,7%	US\$ 1,4 bi	1,3%	1,5%

*Previsão para o ano.

FONTE: pesquisa